



NOVA ZELÂNDIA

# Um destino sem rival

.....

Uma semana antes da partida, um sismo abanara o norte de Aotearoa, palavra com a qual os maoris batizaram a Nova Zelândia. Um abanão inconsequente que expeliu e varreu os humores telúricos de uma das mais belas geografias do mundo. Por indicação dos mais experientes, a jornada fez-se a bordo de uma autocaravana, uma tradição nesta latitude e que prometia uma vivência a outra escala

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias



A odisseia *on the road* teve início em Auckland, na ilha norte. A primeira sensação foi a de uma sucessão de paisagens díspares, a maior parte das quais de cortar a respiração.

Memorável, o primeiro acordar à beira-lago, ao som do chapinhar de patos e envolta num cenário dominado por uma natureza de éden, dimiurga e quase intocável. O espelho de água duplica o renque de árvores que cresce em vários planos, cores e espécies dominando e redimensionando o panorama. As águas mostram uma transparência vitral, a que depressa nos acostumamos, prova viva da pureza natural da ilha que se divide entre verdejantes pastos pontilhados de vacas e ovelhas, e casinhas isoladas em cujos alpendres se aninham magnólias de cores garridas.

Encontros insólitos ao longo da estrada marcam a *road trip* na ilha norte: Matamata, terra de orcs, hobbits, elfos, ents, trolls, goblins e gnomos, habitada por fadas e duendes estranhos ou excêntricos, lugar feiticeiro de J. R. R. Tolkien no qual nos deixamos perder por entre névoas e brumas de um mundo imaginado.

Ao anoitecer, a temperatura desce e, lá fora, faz frio. Ouve-se a chuva a cair no tejadilho da van mas no quarto ambulante

o calor da caldeira e do édredon aquece a alma e reconforta o espírito retemperando forças para o novo dia.

### Uma geografia intocada nos antípodas

De manhã cedo, o chilrear dos pássaros multicolores, dá-nos os Bons Dias ao mesmo tempo que se apressam a voar para longe desvanecendo-se na distância.

A rota definida leva-nos por terras com nomes como Te Puia, Wai-o-Tapu, Taihape, Foxton, Otaki, Taupu, Pukerua, Tī-tahia Bay até Wellington numa estrada emoldurada por uma leve neblina na qual se entrevê tikis de rostos circunspectos abraçados por fetos altos e esguios.

Gradualmente a paisagem vai mudando. Os tufos aveludados de terra húmida vão cedendo lugar a uma vegetação rasteira que se acastanha à medida que a linha de asfalto converge para um ponto de fuga imaginário. Os postes elétricos são como espectros vigilantes da *desert road* que atravessamos, solitária e silenciosa. Os quilómetros crescem conforme a tarde caminha para a noite.

Wellington, a cidade do vento e capital do país, encontra-se aninhada no sopé de uma cadeia montanhosa de costas íngremes através da qual escorregam histórias ancestrais do





povo maori. Mas é no museu Te Papa Tongarewa, local onde se reúne a história da ilha-país, que se mergulha na cultura maori e na importância do seu legado.

De Wellington tomamos o navio através do estreito de Cook, uma massa de água de 40 quilómetros de largura que dizem, ser uma das mais inclementes do mundo. Quando o navio atraca na ilha sul, em Picton, o céu aligeira-se e o sol espreita, envergonhado. Saímos do porto e cruzamos a linha férrea, eterna companheira na jornada pela South Island.

As placas vão indicando Okaramio, Havelock, Canvastown. Rai Valley, Hira e Cable Bay onde vamos parar em fim de rodovia, enganados de ter lido mal o mapa. Ainda bem porque Cable Bay, apesar de ser só seixos e mar, é de uma beleza silente e de uma fotogenia reconfortante.

Voltamos para trás e tomamos a estrada para Murchison, via Atawhai e Richmond. Ao longe, a crista de uma elevação tingia-se de sombra, em contraste com a linha de luz que delimitava a estrada.

Atravessam-se rios sem conta, cuja pureza e transparência de águas é assombrosa e de uma brancura estranha e indizível, mostrando o fundo preenchido de seixos redondos.





O dia seguinte é dedicado ao glaciar Franz Josef, o qual sobrevoamos de helicóptero. A visão é brutal, única mas só quando aterramos na sua crista se percebe verdadeiramente a dimensão da longa massa de gelo.

De novo na estrada, retomamos o percurso para sul e que passa pelo Lago Wanak até Queenstown, nas margens do imponente lago Wakatipu, jazendo aos pés das Remarkables, as montanhas majestosas.

### **A grandeza de um país prístino, a terra da Grande Nuvem Branca**

Daqui partimos em direção à terra dos Fiorlands, inóspita e bela. Fios de água descem por uma cascata escarpada. O veículo atravessa um longo túnel escavado montanha adentro e porta de acesso a um novo mundo. Quilómetros depois chegamos a Milford Sound, no sudoeste da ilha sul, e nas margens do lago Te Anau. A cordilheira afunda-se a pique no rio no qual embarcamos num cruzeiro pelo lago. Avistamos uma baleia, por entre uma miríade de quedas de água que se despenham sobre rochas, à beira das quais preguiçam focas constituindo quadros de uma natureza em estado quase puro.

O regresso faz-se rebobinando o filme cénico, num espanto renovado. De Queenstown seguimos em direção a

Cromwell, uma zona vinícola de renome. Depois de algumas dezenas de quilómetros entra-se numa paisagem montanhosa desértica. O vazio ocupa todo o campo de visão e é libertador. É como um palimpsesto, uma folha em branco pronta a ser reescrita, de acordo com o caminho escolhido, com a vontade do momento abrindo-se num leque de possibilidades infinitamente sedutor.

A placa de Bendigo Goldfields indica uma mina de ouro abandonada com toda a mística envolvente. Depois surge Tarras e Lindis Pass. Montes e vales impõem um relevo onde sobressaem troncos retorcidos de árvores que são verdadeiras esculturas antigas.

Estradas seguem em linha reta, com o grande astro a iluminar os campos. Passamos o Lago Pukaki, e depois o Tekapo, onde o reflexo do monte Cook nas suas águas evidencia a sua transparência das suas águas.

O final da viagem aproxima-se. Percorrem-se léguas e léguas entre sebes e campos verdejantes de pasto. Quilómetros quase infindáveis de estepe, ervas secas, castanhas e vermelhas, como a crosta de um biscoito de gengibre.

De repente, após uma curva larga, surge Three Creeks. Situado no Burkes Pass, o Three Creeks é uma visão de um outro tempo. Tudo é retro, vintage. O espaço abre-se numa panóplia de quinquilharia, automóveis antigos, placas de gasoleiras enferrujadas, berços do século passado, miscelânea de preciosidades infindáveis.



# MUNDI GEA

SABIA QUE UMA DAS PRINCIPAIS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS DA TUNÍSIA É O ARTESANATO?

Cerâmicas, mosaicos e tapetes são exemplos das inúmeras riquezas deste país de influência árabe

**MARQUE A SUA PRÓXIMA VIAGEM CONNOSCO**

A viagem retoma o seu ramerrame. Renques de pinheiros flanqueiam a estrada contornando-a num traço verde. *Road-houses*, estações de serviço, posto dos correios, cafés e motéis com estacionamentos generosos e vazios amontoam-se na vibração da distância. O vento, implacável e frio, é a única testemunha de uma passagem fugaz através de paisagens que se desenham numa aura distinta.

Christchurch é o último destino e é aí que toda a viagem se condensa numa imagem final: a de dois maoris a cumprimentarem-se com um "Hongi", encostando o nariz um no outro, num ato que simboliza o "sopro da vida" que este povo acredita ter sido iniciado pelos deuses.

Abandono Aotearoa, A Terra Da Longa Nuvem Branca num estado de leveza incrível. A sua beleza natural quase intocada, o trato gentil das suas gentes, a ausência de qualquer excesso neste lugar pristino faz com que a viagem pela Nova Zelândia se torne numa experiência inolvidável que fica para vida! ●



#### LIVROS A LER:

Geoff Dyer, *Areias Brancas*

Michael Palin, *O Pacífico de Lés-a-Lés*

Paul Theroux, *A Arte da Viagem*

